

# Um Sonho de Menina

por Ricky Nobre

O dia estava absolutamente radiante, mas uma nuvenzinha escura e carregada insistia em seguir os dois para onde quer que eles fossem. Dois dias era tudo que lhes restavam para saírem da furada em que se meteram. O sol torrava os corpos bronzeados do Leme e eles já estavam desanimando. Eles precisavam de uma deusa, um agradabilíssimo exagero da natureza, uma escultura viva, uma assombrosa personificação de nossas mais íntimas fantasias, uma...

— Tá, eu já sei!!! Eu sei do que a gente precisa! — disse um deles, irritado com a ladainha.

— Eu tô nervoso, Dudu! Ah, que vontade de esmurrar aquela piranha...!

— Fica frio, a batata dela tá assando. Ela vai tomar um processo tão medonho nos cornos que da próxima vez ela posa nua até de graça!

— Onde já se viu cancelar a sessão de fotos duas horas antes!!!! — Fábio esfregava as mãos suadas, nervoso como se o investimento perdido fosse dele — Tá pensando que isso é uma editorazinha vagabunda? Ah, mas ela vai aprender a quebrar contrato. Vai se foder que nem a Kim Bassinger, lembra? Teve que pagar nove milhões de dólares pro estúdio, bem feito!

— Isso não é Hollywood, Fábio. Mas o dela tá guardado. Pelo menos a gente teve tempo de tirar o anúncio da revista deste mês. O problema é que já tava todo mundo esperando a gostosa da novela das seis na capa de novembro. Agora a gente tá aqui nessa furada.

— Sei não, mas esse editor tá colocando os pés pelas mãos. A gente perdeu essa mamata. 400 mil exemplares mole, mole. Não importa quem a gente ponha na capa, nunca vai chamar tanto público. Principalmente uma desconhecida. A gente vai acabar colocando a menina de Santa Catarina na capa mesmo e esperar o prejuízo.

— Eu também acho, Dudu, mas fazer o quê? Relaxa, cara! Temos carta branca pra oferecer um cachê obsceno, vamos fazer o melhor que pudermos. E se der certo? E se uma desconhecida ultrapassa a marca dos 300 mil exemplares? A gente tá feito! Podemos pedir o aumento que quisermos! Ainda mais sendo...

Dudu ficou parado como que visse um disco voador aterrissando na areia. Ela saía das águas, lugar de onde parecia sempre ter pertencido. Seu andar era tão leve que mal deixava pegadas na areia. Seu corpo miúdo, esculpido em cada detalhe se movia sem a mais remota noção do efeito que causava a sua volta. Em poucos segundos ela já saltitava em direção à confiável proteção de seu guarda-sol, parecendo ansiosa para se entupir de filtro solar, mais do que necessário para sua pele radiantemente branca e de uma maciez capaz de acariciar um admirador com sua simples presença.

— Dudu! Dudu, acorda!

— Fabinho...

— Fabinho?

— Fabinho, eu tô apaixonado!

— Fabinho?!

— Olha lá! Olha!

Fábio finalmente percebeu do que o amigo estava falando. Ele próprio ficou alguns segundos sem saber o que dizer, mas se era mais inseguro com os negócios, quanto a mulheres era bem mais pragmático. O oposto de Dudu.

— É... ela pode ser nossa salvação. Mas tem um problema...

— Um anjo! Ela é um anjo, Fábio!

— Anjo, com aquela bunda? É ruim, hein? Mas tem algo que você...

— Um pedaço de sonho que se desgrudou dos céus e veio nos lembrar da existência divina!

— Mas, Dudu...

— Oh, Senhor, eu acredito!!!!

— Rapaz, você não está entendendo! Isso não é mais a década de oitenta! Essa menina deve ter uns quinze anos! Não dá pra colocar ela na revista.

Uma frase tão curta caiu na cabeça de Dudu como um balde de gelo. Ele nem sequer reparara nisso. Ficou observando a menina de cabelos negros e lábios carnudos acariciando as coxas com protetor solar e ficou pensando que se um raio caísse em sua cabeça naquela hora seria até um favor.

— *Meu mundo caiu...!* — cantava Fábio, fazendo pouco da decepção do colega. Porém, rapidamente, Dudu voltou a si, assumindo sua personalidade habitual: aquela que não aceita uma situação de derrota.

— Ora, quem sabe? Talvez ela seja de maior. Só vamos saber perguntando.

— Dudu, não faz isso comigo! — reclamou Fábio, indignado — A gente se mata pra convencer essas moças de que somos profissionais de verdade e agora você me vem usando nossa posição pra cantar uma criança?!

— Que usando o quê, Fábio? Vamos lá. Vambora!

Puxando Fábio pelo braço, Dudu se aproximou de sua vênus, que já repousava tranqüilamente sobre sua canga. A poucos metros dela, começou a se aproximar devagar, hesitante, como se fosse a primeira vez que falava com uma mulher na vida. Fábio mal podia acreditar no estado em que seu colega estava. A moça ainda não reparara na presença deles, tão entretida que estava em seu repouso de olhos fechados. Apenas quando Dudu tapou o sol que a banhava ela abriu os olhos para dar de cara com aquele sujeito bonito, de cabelos bem curtos e uma cara meio idiota.

— Olá. Com licença?

— Sim?

— Meu nome é Eduardo, mas pode me chamar de Dudu.

— Oi, Dudu.

— E este é o meu colega de trabalho, Fábio.

— Prazer, moça!

— Prazer. Eu sou Denise.

— Denise... Lindo nome, Denise. — Dudu parecia em transe e Fábio percebeu que aquela abordagem precisava urgentemente de algum caráter profissional. Interrompeu o papo furado na esperança de salvar a situação.

— Olá, Denise. Veja bem, nós trabalhamos para a Editora 100 Limites e gostaríamos de fazer uma proposta para você.

— Decente?

“Como ela consegue?”, pensava Dudu. Ter um jeito tão inocente até pra dizer safadeza. Ah, Nabokov...

— Decente? Claro, — continuou Fábio — embora eu creia que à primeira vista você tenha suas dúvidas. Nós somos da revista *Skin Deep* e trabalhamos como “olheiros”, sabe, nós ficamos de bobeira nas praias, *shoppings* e outros *points* procurando moças que se encaixem no perfil da nossa revista e ficamos muito impressionados com você. Sinceramente impressionados.

—Puxa... — aquela mistura de constrangimento e orgulho era uma velha conhecida dos dois, era batata. — Obrigada!

— Você estaria interessada em posar para nossa revista?

— Bom, eu não sei... — ela não disse não de primeira, o que já era um ótimo sinal — Eu ainda não fiz dezoito... Tem problema?

Tem problema, perguntou ela. Tem problema??? Pobre Dudu, seu coração estava em pedaços.

— Bom, — continuou Fábio, ele próprio também decepcionado — isso é um problema. Nós desconfiamos disso, mas podia ser que você só parecesse mais nova. Com quantos anos você está, quinze?

— Ah, não — disse a moça sorrindo, conseguindo por um milagre aumentar ainda mais o brilho de seus olhos azuis — Tenho dezessete, faço dezoito sábado que vem.

— Oh, Senhor, eu acredito!!!!

Fábio não sabia onde enfiar a cara com o escândalo do amigo. Ele nunca tinha feito um papelão desses. Mas era uma notícia fabulosa, afinal.

— Bom, isso deixa de ser um problema. Isso não será feito da noite pro dia...

Dudu, com seu espírito renovado, sai de seu estado lisérgico e volta a ser um profissional.

— Ah, desculpa Fábio, mas vai sim. Escute, Denise, nós temos um problema. Uma atriz famosa desistiu de posar pra nós na última hora mesmo depois que já estavam todos esperando ansiosos por ela.

— Ah, eu acho que sei quem é. É a Lulu da novela das seis.

— Isso mesmo, é a Lulu — disse Fábio entre os dentes — Lulu é de lunática.

— Bom, — continuou Dudu — nosso problema é que precisamos de algo para suplantar a decepção que nossos leitores terão na edição de novembro e, como o Fábio disse, nós ficamos realmente impressionados com você.

Denise desviou o olhar e riu sem graça mais uma vez. Ela começava a compreender o panorama e o desespero dos rapazes parecia evidente para ela. Mas apesar de tremendamente lisonjeada, não sabia muito bem o que dizer. Posar nua? Assim? Como relâmpagos, as reações de todos que conhecia atravessaram sua mente. A inveja das amigas, a censura dos pais, o escândalo do namorado...

— Mas, qual é exatamente a pressa de vocês?

— Bom, Denise, seria bom que nós assinássemos contrato até o fim da semana e fotografássemos semana que vem. Assim não teria perigo de atrasarmos a distribuição nas bancas.

— Nós nunca atrasamos a distribuição nas bancas. — completou Fábio.

— Nunquinha mesmo.

— Bom, eu preciso pensar...

— Ora, é claro Denise. Se você nos responder até quinta, nós podemos assinar contrato na sexta e podemos fotografar... Quando você acha que o Cássio vai estar livre pra fotografar a menina, Fábio?

— Cê tá brincando? Ele vai tá livre quando a gente mandar!

— Então é isso, Denise. Precisamos de uma resposta rápida sua.

— Tá, tudo bem. Mas... tem uma coisa que eu queria saber. Quanto eu vou ganhar com as fotos?

Dudu olhou para Fábio como que tomando coragem para fazer algo que tinha plena autorização para fazer. Mas não tinha outra saída. Eles podiam realmente fazer história. Aquela menina praticamente maior de idade que parecia saída do segundo grau podia bater um recorde de vendas já atingido por uma ilustre modelo desconhecida. Apelar para as perversões alheias era uma fórmula infalível. Respirou fundo e mandou.

\*\*\*\*\*

— Quanto? — era constrangedor para ele, em todos os sentidos. Mantivera-se impassível durante toda a conversa, apesar de escandalizado por dentro. O escândalo de sua esposa era o suficiente. Agora ele estava de pé, com os olhos arregalados ao saber o quanto aquela loucura iria render para a filha. O que passou por sua cabeça foi um tanto óbvio. — Isso é armação, minha filha. É dinheiro demais. Esses caras são fajutos, como é que você cai numa história dessa?

— Não são não, pai. Olha aqui o cartão deles. E eles disseram que vocês poderiam ir comigo quando eu fosse assinar o contrato.

É, estava difícil. Ele queria arrumar uma desculpa para dissuadir a filha da idéia que não fosse puro moralismo, mas não conseguia. Já a sua esposa não tinha o menor pudor quanto a isso.

— Oh, meu Deus! O que sua avó vai pensar? Você que sempre foi a santinha da família! Se fosse aquela sua irmã ingrata que está morando não sei com quem...

— O nome dele é Sérgio, mãe. E é um cara legal.

— Não me importa que ele seja. Mas você, meu anjinho! Você não pensa na sua família? Mas vocês são assim mesmo. Completam dezoito e logo querem mostrar que podem fazer o que quiserem. Pois a vida não é assim, sabia? As pessoas não fazem o que querem o tempo todo.

— Eu não decidi nada ainda, gente. Eu acabei de falar com o cara. Só que eles têm pressa. E chega, eu preciso pensar.

Denise subiu para seu quarto e fechou a porta. Na sala, o pai da menina ficou de pé parado olhando o cartão que a filha lhe dera, enquanto a mãe não parava de resmungar.

— Já sei. Vou pedir pro Almeida verificar esse endereço.

\*\*\*\*\*

— Hum... Você vai ficar de perna aberta?

— Ai, Chris, que coisa horrível!

Chris e Aline, as melhores amigas de Denise, discutiam sentadas na cama da amiga, onde espalharam algumas revistas *Skin Deep* que a Chris pediu emprestadas do namorado. Denise, que estava de *lingerie* na frente do espelho, entra na conversa.

— Essa revista não mostra mulher de perna aberta. Só com alguma coisa tapando na frente.

— Ainda bem — observou Aline — Eu acho tão feio.

— Mas os homens gostam. — rebateu Chris.

— Os homens gostam de qualquer coisa!

— É, mas não foi pra você que eles pediram pra tirar a roupa, foi pra Denise.

— E nem podiam! — respondeu Aline, fingindo que não percebeu que a amiga acabara de questionar sua beleza. — Ainda tenho dezessete... Aliás, *ninguém* nesse quarto fez dezoito ainda.

Denise não tinha mais paciência para discutir a questão da idade. Com os braços cruzados e as alças do soutien abaixadas, ela pergunta olhando para o espelho.

— Que tal?

— Você vai poder usar calcinha de algodão? Acho que fica tão fofinho!

— Homem não quer coisa fofinha não, sua tonta. — insistia Aline — Homem gosta de sacanagem. Olha só essa aqui de quatro, que coisa horrorosa.

— Também com uma bunda dessa...

— É, mas ela quase não mostra os peitos. Deve tá tudo caído.

— Mas a Denise tá com tudo encima. Se eu fosse que nem ela eu nem pensava duas vezes. Ainda mais com esse dinheiro todo.

— Ah, Deus me livre, aquele monte de homem horroroso tocando punheta comigo!

— Larga de ser invejosa, Aline. Você só fala assim porque ela é muito mais gostosa que nós duas juntas. Denise, você é gostosa! Posa sim! Vai ficar lindo!

Denise estava virada de costas olhando seu traseiro no espelho, pensando se queria mesmo fazer aquilo. Por que faria, se valeriam a pena todas as críticas, se estava disposta a ouvir todas as gracinhas, se valia a pena não ver mais...

— E o Henrique, Denise? — perguntou Chris, com preocupação sincera.

— Não falou mais comigo. Disse que não me liga mais até eu tirar isso da cabeça.

— Puxa... Você vai falar com ele?

— Depois dessa? — Denise ensaiou ficar com raiva do namorado mas não conseguiu. — Não sei. Ainda nem sei o que eu vou responder pros caras.

— E ele? Você acha que ele vem te ver de novo?

— Talvez me veja na banca.

\*\*\*\*\*

— Há! Sabia que ia sair uma vagabunda que nem a irmã!

Sua avó não precisava estar caduca para dizer uma coisa dessas. Ela sempre tratou as pessoas muito bem apenas enquanto elas faziam o que ela queria. Daí sua mãe ter passado a vida inteira com medo de contrariá-la. Via a neurose familiar à sua volta e pensava: “Talvez eu deva fazer o que eu quero e não o que os outros querem”. Mas depois de um tempo fica tão difícil discernir uma coisa da outra. Era manhã de sexta e precisava ligar para os rapazes para dar sua posição. Riu sozinha, meio nervosa. Teria que dar muitas posições se dissesse sim para a proposta. Lembrou da conversa que teve com Fábio na praia. Era uma proposta decente ou indecente? A questão toda parecia ser essa, até mesmo para ela. Como as notícias voam! Toda sua família já sabia do caso, já estava ouvindo gracinhas na faculdade sem nem ter se decidido ainda e Henrique não deu mais sinal de vida. Precisava responder logo e não sabia o que fazer. Se tivesse um pouco mais de tempo...!

Estava saindo do banho quando seu pai bateu na porta do banheiro avisando que estavam ligando da editora. Denise sentiu um frio na barriga, como se entrasse na sala

de aula e descobrisse que é dia de prova. Vestiu seu robe rapidamente e se trancou no quarto para pegar a extensão. Não sabia o que dizer ainda. Teria que se decidir na hora. Talvez ela dissesse...

— Alô, Denise?

— Alô. Sou eu.

— Oi, sou eu, o Fábio.

— Ah, Fábio. Você está querendo saber minha resposta, não é? Sabe, eu acho que...

— Olha, é sobre isso mesmo. Você não adivinha o que aconteceu! Sabe a pu... quer dizer, a Lulu da novela? Voltou atrás, se borrou toda com a possibilidade do processo por quebra de contrato e resolveu posar pra nós. Então acho que não vamos precisar de você tão rápido.

— O quê? — Denise não estava entendendo muito bem. — Como assim?

— Ah, mas não fica triste não. O nosso editor adorou você! Mostramos pra ele aquela foto sua que tiramos na praia e ele faz questão de ter você na nossa capa de abril.

— Abril? — ela estava decepcionada. Tudo parecia ruir de uma vez só. Não importa o que ele dissesse, de uma hora para outra ela não parecia mais tão especial. Será que então era isso que a atraiu tanto nessa proposta? O fato dos dois a estarem querendo com tanto desespero? — Mas vai demorar tanto...

— Ah, mas normalmente é assim mesmo. Ah, e vamos ter que conversar sobre cachê novamente. Sabe, para chegarmos a um patamar mais realista. Afinal, nossa estrela de novembro vai sair..

Não sobrara mais nada. Nem a ânsia dos dois rapazes que a abordaram, nem o cachê vultuoso, nem a possibilidade de resolver logo esse problema que, se ela dissesse sim, iria lhe rondar e lhe atazanar através de sua família e amigos por vários meses ainda. Fábio continuou falando algo mais no telefone, porém ela já não ouvia. Largou lentamente o fone até que ele caísse no tapete do quarto e começou a andar devagar em direção à janela. Com o rosto triste e os olhos baixos, abriu lentamente o seu robe até que este caísse no chão. Abriu a porta que levava à sacada e sentiu a claridade do dia lá fora. Continuou até encostar na cerquinha de madeira da pequena varanda onde se segurou por alguns momentos. Voltou seu olhar para o céu, então, contemplando o azul acima dela e sentido a calma da rua pouco movimentada. Abriu seus braços e fechou os olhos, sentido a brisa leve que tocava seu corpo nu, ficando ali por alguns minutos, sem ouvir nada à sua volta ou pensar em qualquer outro problema. Por alguns minutos.